

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário

Alexandra Santos Pinheiro¹ (Unicamp-SP / Unioeste-PR)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo refletir sobre a importância de Baptiste Louis Garnier para a imprensa brasileira do século XIX. O editor nasceu em 4 de março de 1823, em Paris, e morreu em 1 de outubro de 1893, no Rio de Janeiro, onde residia desde 1844. O trabalho com a imprensa foi aprendido com seus dois irmãos mais velhos que, com 17 e 21 anos, abriram uma livraria em Paris. Louis Garnier, balconista na loja dos irmãos, decidiu montar seu próprio negócio e escolheu o Brasil para realizar o seu intento: “Resolveu transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial” (Hallewell, 1985, p. 127-128). A importância do editor pode ser avaliada, dentre outros aspectos, pela longevidade de seu projeto editorial.

Palavras-chave: Garnier; projeto editorial; periódicos; século XIX; Rio de Janeiro.

De acordo com Hallewell, Baptiste Louis Garnier nasceu em 4 de março de 1823, em Paris, e morreu em 1 de outubro de 1893, no Rio de Janeiro, onde residia desde 1844. O trabalho com a imprensa foi aprendido com seus dois irmãos mais velhos que, com 17 e 21 anos, abriram uma livraria em Paris. Louis Garnier, balconista na loja dos irmãos, decidiu montar seu próprio negócio e escolheu o Brasil para realizar o seu intento:

Resolveu transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial. Ele chegou ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1844 (Hallewell, 1985, p. 127-128).

Contudo, um texto publicado no *Jornal do Commercio*, seis dias após sua morte, informou que o editor Garnier nasceu em Tourville, nas vizinhanças de Constances, cidade da província de Normandia. A data da chegada do editor no Brasil também é diferente da apresentada por Hallewell, Garnier teria chegado ao Rio de Janeiro entre os anos de 1837 e

¹ Doutoranda em História e Teoria Literária pela Unicamp e professora da Unioeste-PR (alexpin@netconta.com.br). Membro do grupo RETLLE.

1838. Pela leitura do artigo encontrado no *Jornal do Commercio*², observamos que a dificuldade em encontrar informações acerca da personalidade do editor existiu mesmo quando ele era vivo:

Grande é o numero, senão quase a totalidade daquelles que, conhecendo de nome e até de pessoa este honrado livreiro, que acaba de ser eliminado do numero dos vivos, jamais souberão o que significavão o B e o L que precedem o vulgarissimo Garnier, que há meio século tantas gerações de escritores e acadêmicos, tantos milhares de estudiosos e de simples leitores, por passatempo, estão costumados a ver nos frontespicios e chamadas etiquetas dos milhões de livros e pamphletos que se tem derramado pelo Brazil inteiro sahidos da casa antigamente n. 69 e modernamente 71, da rua do Ouvidor e se não forão os Diccionarios dos Contemporâneos, de Vespareau, a Bibliographico, de Inicêncio Francisco da Silva, talvez não pudéssemos também dizer facilmente que aquelas iniciaes correspondem a Baptiste Louis. Os estudantes, em falta de decifração, há vinte annos passados, traduzião essas iniciaes por Bernardo Lopes³ (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893)⁴.

No *Almanaque Brasileiro Garnier*, de 1905, encontramos uma foto da casa, na verdade, um prédio, “modernamente” n. 71:



Fonte: *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1905

² Citaremos outros fragmentos desse texto, que oferece informações interessantíssimas sobre a vida de Garnier e uma síntese da situação dos editores, dos tradutores e dos tipógrafos contemporâneos a ele. Lamentamos, apenas, a não identificação do autor. Durante a pesquisa, tentaremos identificar o redator chefe da época e a possibilidade de ser ele o autor.

No artigo há uma síntese da situação dos editores, dos tradutores e dos tipógrafos contemporâneos a Garnier.

³ Sem identificação do autor.

⁴ Optamos por não atualizar a grafia e não modificar o que hoje é considerado desvio gramatical (concordância, pontuação, etc).

A personalidade comedida do editor não dificultou apenas as informações a respeito de sua pessoa e de sua história, como lemos na citação acima, ela também foi responsável por algumas polêmicas. Alguns intelectuais de sua época, e posteriores a ele, o viam como um aproveitador cuja riqueza deveu-se à exploração dos intelectuais brasileiros, outros como um homem justo, o único de sua época a pagar com regularidade os textos dos colaboradores de seus dois periódicos, *Revista Popular* (1859-1862) e *Jornal das Famílias* (1863-1878). Por ocasião da morte do editor, em outubro de 1893, Machado de Assis escreveu as seguintes palavras:

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n. 69, abaixo da Rua Nova. (...). Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia (Assis, 1938, p. 402).

Em pesquisa a outros periódicos do século XIX, encontramos tanto homenagens, como a que fez Machado, como restrições ao trabalho que o editor desempenhou em nosso país. *O Paiz*, em 2 de outubro de 1893, e o *Estado de São Paulo*, em 4 de outubro de 1893, apenas registraram, em poucas palavras, o falecimento de Garnier e ressaltaram a sua importância para o progresso das letras brasileiras. *A Gazeta da Tarde*, por sua vez, lembrou tanto as obras e nomes editados pelo livreiro e os livros didáticos, destinados aos estabelecimentos de ensino da época, quanto o seu perfil profissional: “homem extremamente methodico e infatigável no trabalho, que nunca abandonou até os seus últimos dias de vida, Garnier era um typo classico, digno de consideração e estima” (*Gazeta da Tarde*, 2 de outubro de 1893).

Diferentemente dos periódicos destacados, um pequeno texto publicado n’*O Album*, dirigido por Arthur Azevedo, não mostrou pesar pela morte de Garnier. Embora extenso, vale a pena transcrever na íntegra a nota que o jornal publicou depois de sua morte:

Morreu B. L. Garnier, o velho editor do Instituto Histórico, o famoso livreiro da rua do Ouvidor, um judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça, e era uma das physionomias mais curiosas e mais características do nosso meio. Estabelecera-se n’esta cidade há uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que jamais desse uma esmola. O seu nome nunca figurou n’uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comsigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gozou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis...

Editava tudo, a torto e a direito, e n'esse ecletismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuiu para enriquecê-lo... sem o saber.

Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços à nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catálogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam na casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: “cresça e apareça”. Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor (*O Album*, 7 de outubro de 1893).

Coelho Neto também registra seu desafeto ao editor. Para ele, a riqueza de Garnier estava ligada à exploração de autores brasileiros, como fez com José de Alencar (Neto, 1898, p. 264). Adolfo Caminha partilhou da mesma opinião, e se recusou a chorar a morte do editor:

Quase todos os escritores brasileiros, desde Alencar, pagaram seu tributo: os serviços que o velho Garnier prestou às letras foram largamente, abundantemente recompensados. Que o digam Machado de Assis e Aluísio Azevedo (*Apud Lajolo & Zilberman*, 1999, p. 80).

No entanto, não podemos afirmar que Alencar teve alguma reclamação do lucro de Garnier. Na edição do segundo volume de *Sonhos D' ouro* (1872), Alencar escreveu a Garnier:

Ilm. Sr. Garnier

Se ainda não tirou a lume a segunda parte dos *Sonhos d' ouro*, peço-lhe o favor de mandar imprimir o incluso post-scriptum que leva a última notícia de nossos personagens.

Amigo et atento venerador

José de Alencar (Alencar, 1872, p. 2).

Como podemos notar, a forma com que Alencar concluiu o bilhete demonstra, ao contrário, muito respeito pelo editor. Independente da veracidade do “amigo et atento venerador”, o certo é que José de Alencar, Machado de Assis, além de outros nomes, não podiam negar a importância da empresa Garnier para a divulgação de suas obras. Lembramos, inclusive, que a editora serviu de ponto de encontro para um grupo considerável de intelectuais, do qual fazia parte o próprio Machado.

No decorrer de sua existência, o nome de B. L. Garnier apareceu em diversos jornais, Na sessão “Noticiário”, do *Sexo Feminino*, por exemplo, há a apresentação da obra *O poder da vontade*, de F. da M. de A. Correia, editada pela Garnier. Contudo, a impressão

que se tem é a de que a proposta do artigo era a de tratar do editor e não da obra publicada em seu estabelecimento. Dos cinco parágrafos que compõem o artigo, três destacam a importância do editor:

Agradecemos ao illustrado editor o Sr. B. L. Garnier, a offerta deste importante opúsculo, tradução da hábil penna do distincto professor o Sr. Dr. F. da M. de A. Correia.

É sem dúvida o Sr. Garnier um dos beneméritos da nossa litteratura pátria; pois graças ao seo esclarecido amor aos progressos litterarios do paiz conta a nossa imprensa constantemente novas e interessantes publicações, que sem tal interferência, como tantos outros manuscritos, pereceriam em perpetuo olvido.

(...).

Reiteramos ao Illmo. Sr. B. L. Garnier as expressões do nossos reconhecimento, e offerecemos-lhe sinceras congratulações por mais este passo de adiantamento das nossas letras (*Sexo Feminino*, 29 de julho de 1875, sem identificação de autor).

É interessante notar que elogios como esse, ou mesmo a divulgação de obras ou periódicos de seus concorrentes, não podem ser encontrados nas publicações da editora Garnier. A *Marmota*, por exemplo, divulgou a *Revista Popular* e o *Sexo Feminino*, o *Jornal das Famílias*:

Revista Popular
Publicação dos snrs
GARNIER & IRMÃO
69 – rua do Ouvidor – 69

Esta Revista apparece nos dias 5 e 20 de cada mez. Compõe-se de um volume, em bom papel, typo, e de 68 paginas, com capa, etc.

Os artigos de boa escolha, e de muito gosto, dão a esta publicação a voga de que geralmente goza, sobre tudo entre as senhoras, que em suas paginas acham tudo o que lhes póde servir de *instrução e recreio*.

Assigna-se a 12\$ rs por semestre, ou 20\$ rs por anno, na loja acima. Quem assigna e paga a assignatura de um anno, recebe grátis dez bilhetes do premio de 600\$ rs. Em livros da casa, na forma dos annuncios.

60 – Rua do Ouvidor – 69 (*Marmota*, 1 de novembro de 1859).

No *Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, encontramos elogios a obra e ao editor: “O incansável Sr. Garnier, da rua do Ouvidor, n. 65, mimoseou a redação do *Sexo Feminino* com o número daquella publicação especialmente dedicada às senhoras de bom gosto. Muito agradecemos a offerta, que sobremodo apreciamos” (*Sexo Feminino*, 19 de setembro de 1875). No entanto, os nomes de Paula Brito, editor da *Marmota*, e de Motta Diniz, proprietária do *Sexo Feminino*, nunca são mencionados em nenhum dos empreendimentos de Garnier.

Outro projeto que lhe rendeu críticas foi o de imprimir os livros e o *Jornal das Famílias* em Paris. Um grupo de trabalhadores gráficos fez o seguinte manifesto contra o “senhor de Garnier”:

Desta boa capital envia as obras ao seu grande Paris; lá ela é composta, revista, encadernada, etc. e volta ao Rio de Janeiro; aqui é vendida pelo preço que lhe convém dar a cada exemplar e desta forma a mão-de-obra é sempre estrangeira ao passo que as nossas oficinas tipográficas definham e os tipógrafos brasileiros vêm-se a braços com todas as necessidades e muitos compositores por aí andam sem achar trabalho (Hallewell, 1985, p. 131).

Apesar das acusações feitas pelos tipógrafos brasileiros, a partir de 1862, Garnier enviou todas as suas publicações para serem executadas em França. Podemos elencar pelo menos quatro motivos que o conduziram a tal decisão. O primeiro deles era que a sua firma tinha origem em Paris; o segundo refere-se à tentativa de se conquistar um maior público leitor que, por sua vez, preferia os produtos franceses. A terceira razão era de ordem tecnológica, ou seja, após a introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul, reduziu-se de 75 para 22 dias a viagem para a Europa. O quarto motivo era econômico, já que a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade da que era feita no Rio de Janeiro.

Referente à última questão, Alberico de M. Werden, em artigo publicado no *Jornal do Comércio* e, posteriormente, na *Revista Popular*, escreve:

(...) as gravuras, o papel e a impressão têm melhorado muito; porém contamos brevemente com melhoramentos de outra ordem, que satisfaçam cada vez mais as exigências intelectuais do público (*R. P.*, t. 5, p. 5-6).

Assim, a impressão parisiense tinha sido adotada para todas as publicações da editora Garnier, como ressaltou Machado de Assis na resenha que fez da obra *Meandro poético*, do cônego Fernandes Pinheiro:

A impressão, feita em Paris, é o que são as últimas impressões da casa de Garnier: excelente. Numa terra em que não há editores é preciso animar os que se propõem, como o Sr. Garnier, a facilitar a publicação de obras (Assis, 1959, p. 148-9).

Entre todas as possíveis razões que favoreceram para que o editor resolvesse editar suas obras em Paris, a maior dela talvez seja o fracasso de uma oficina de tradução que montou em sociedade com Charles Berry. Garnier contratou vários tradutores: Salvador de Mendonça, Fernandes Reis, Jachinto Cardoso, Abranches Gallo e outros, para os quais

pagava 400 réis por milheiro de letras, o que regulava por 250 a 280\$ por volumes de Verne:

Charles Berry, porém, que era tão activo no trabalho de dia quão pertinaz no jogo à noite, não tardando a embaraçar-se em seus negócios., teve um dia de ausentar-se, deixando a casa entregue aos credores, sendo Garnier o principal.

Esta revez tanto bastou para que o editor das duas *Bibliotecas* abandonasse a publicação das traduções, com que muito perderão os traductores, alguns dos quaes vivião exclusivamente desse trabalho. Era este um dos lados fracos de Garnier: desanimar-se nos seus nos seus melhores empreendimentos desde que o resultado não lhe fosse largamente compensador, ou sobreviesse qualquer contrariedade como aquella, aliás fácil de remover (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

O mesmo artigo, para encerrar a questão, lembrava que apesar de grande parte de suas edições terem sido impressas em Paris, Garnier havia contribuído para o aperfeiçoamento da tipografia brasileira, já que dava trabalho aos que o procuravam, desde que as oficinas fossem serias em seus contratos. A rapidez e a perfeição eram as condições principais. O texto também citou os melhoramentos que o editor trouxe para a impressão: desde a qualidade do papel que mandava vir para suas edições até os formatos “que moldava pelos mais elegantes e portáteis: Garnier introduziu e deu voga entre nós ao formato 8º e 12º alongado, que, se não nos enganamos, foi iniciado em França por Calmon Levy” (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893), que hoje seria o padrão da maioria dos livros.

A dedicação ao trabalho e o seu jeito sério fizeram com que Garnier tivesse poucos amigos. Dentre eles, José de Alencar, Manuel de Macedo, Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto e Machado de Assis que, em crônica⁵, registra o prazer que Garnier tinha de estar em sua livraria:

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar ali naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Sta Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: “Pourriez vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire, ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?”. Na véspera de sua morte, se estou bem informado, achando-se a pé, ainda planejou descer na manhã seguinte para dar uma vista de olhos na livraria (Assis, 1938, p. 401).

⁵ Já citamos anteriormente um fragmento dessa crônica, escrita em ocasião da morte do editor.

O próprio Garnier reconhecia sua dedicação; prova disso é que, após 20 anos de estada no Rio de Janeiro, pediu ao Gabinete do Ministério do Império uma condecoração como reconhecimento da importância do seu trabalho de livreiro editor para as letras brasileiras. Um manuscrito encontrado no “Arquivo do Marquês de Olinda” dá ênfase à importância do editor:

Um serviço real prestou o peticionário fazendo reimprimir os Clássicos da língua portuguesa alguns dos quais já eram raríssimos no mercado (*IHGB*, Coleção Marquês de Olinda: lata 214, doc. 61).

Dois anos depois da realização do pedido, B. L. Garnier recebeu o título que almejava. Embora não tenha sido o único editor-livreiro a se instalar na rua do Ouvidor⁶, a empresa de Garnier funcionou durante um longo período: de 1844 a 1934, sendo que, até 1852, divulgava o nome “Garnier Irmãos”, e só depois se torna “B. L. Garnier”. Depois de mais de cinquenta anos de duração, o nome de Garnier realmente não poderia deixar de figurar como uma das figuras mais importantes para o progresso intelectual do século XIX. Da rua do Ouvidor, editou livros de sucesso e dois periódicos que, juntos, somaram 19 anos de publicação: *Revista Popular* e *Jornal das Famílias*. Estes, aliás, podem ser tomados como prova do tino comercial do editor:

Em 1859, B. L. Garnier iniciara uma publicação quinzenal ilustrada, a *Revista Popular*, impressa por Pinheiro & Cia., (...) tal regularidade permitiu que ela fosse produzida em Paris, a partir de 1862⁷ (com a mudança do nome para *Jornal das Famílias*) (Hallewell, 1985, p. 129).

O que Hallewell propõe é que Garnier editou apenas um periódico, que, em 1863, mudou de nome. Acreditamos, todavia, que existiram dois projetos, cada um com suas idiossincrasias. O primeiro empreendimento pretendeu satisfazer a todos os gostos e profissões: do agricultor ao político e ao literato; o segundo restringiu-se aos assuntos domésticos, com muitos artigos para “ser lidos apenas pelas mulheres”. Além disso, a própria mudança do nome e, conseqüentemente, o novo formato do periódico, já que um era jornal e o outro revista⁸, também podem confirmar que Garnier editou dois periódicos no século XIX, um no período romântico e o outro que circulou entre o período do Romantismo e do Realismo⁹.

⁶ Nessa rua também se instalaram livrarias francesas como Plancher, Villeneuve, Mongie, Irmãos Firmin Didot.

⁷ Data equivocada, ler 1863.

⁸ A maior diferença entre eles é que o primeiro foi de tendência mais informativa, política e literária e o outro apenas literária.

⁹ Mas que, apesar de inserido no período de transição, não acompanha essa mudança de pensamento.

Ao analisarmos a proposta dos dois periódicos, percebemos que o projeto de Garnier não foi inovador; ao contrário, estava associado a outras experiências jornalísticas já realizadas. Além de os nomes já distinguirem um do outro, o público alvo de cada um reforça a diferença: o primeiro pretendia atingir um público amplo, das mais diferentes profissões, e o segundo destinava-se às senhoras e às moças, que estavam para se casar. Identificando o público que pretendia atingir, a editora Garnier demonstrou uma grande valorização do leitor, que deveria ser “agradado”.

Para realizar seus projetos, Garnier considerou as produções periódicas de maior aceitação no período e, pelo que nos parece, tentou imitá-las ao máximo. No caso da *Revista Popular*, podemos afirmar que a proposta pretendida por ele era também a de outros periódicos: *Correio Brasiliense* (1808-1822), *Armazém Literário* (1808-1822), *Revista Filomática* (1833), *Niterói, Revista Brasiliense, Ciência e Arte* (1836), *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1838), *Minerva Brasiliense* (1843-1845), *Guanabara* (1849-1857), *O Novo mundo, periódico ilustrado do Progresso da Idade* (1870-1875). E de outros de menor repercussão, mas lançados no mesmo ano da revista de Garnier, tendo, a maioria, o mesmo propósito nacionalista¹⁰.

De acordo com Maria Eunice Moreira, as revistas literárias do período pós-independência “orientam-se por uma entonação nacionalista, contida no bojo do Romantismo emergente”. Uma dessas revistas é a *Popular*:

Nenhum desses periódicos, porém, tem a importância e a curiosidade da *Revista Popular* (...). Órgão do Romantismo, a *Revista Popular* é considerada (...) o centro dinâmico na renovação das idéias literárias. O interesse da revista pelos assuntos nacionais e o endosso ao programa nacionalista pode ser comprovado pelas publicações de um de seus colaboradores mais assíduo: Joaquim Norberto de Souza e Silva (Moreira, 1996, p. 54).

Em 1860, Garnier, imitando o modelo francês, de publicar romances em nota de rodapé (*folhetins*), aumentou o público leitor de romances. Nesse período, dominou o mercado de ficção nacional e estrangeira (Hallewell 1985, p. 141). Com o passar do tempo, empenhou grande esforço para conquistar o público feminino. Para tanto, ofereceu às mulheres da sociedade carioca e de todos os demais estados brasileiros¹¹ o mundo da moda

¹⁰ Conforme o livro *Biografia do Jornalismo Carioca*, de Gondin da Fonseca, em 1859 também foram lançados os seguintes jornais: *o Brado Americano*; *A cartilha do povo*; *O constitucional*; *Crônica do Foro*; *L'echo du Brésil et de L'Amérique du Sud*; *Ensaio escolástico dos estudantes do Ateneu turvado*; *O espelho*; *Figaro- Chroniqueur-Journal*; *Gazeta do Instituto Hahnemaniano do Brasil*; *Jornal para todos*; *O noticiador Curioso*; *A nova era*; *O sete de setembro*.

¹¹ Como comprava a relação dos assinantes, que inclui Portugal e Paris à lista.

européia e narrativas francesas e brasileiras, que mandava imprimir na tipografia de seus irmãos em Paris. Foi o que também ocorreu com o *Jornal das Famílias* (1862-1878). Sobre essa o aumento do público leitor na segunda metade do século XIX, Maria Ligia Coelho Prado registra:

Os depoimentos de José de Alencar e também de Maria Paes de Barros mostram que na primeira metade do século XIX, no Brasil, os leitores possuíam um pequeno repertório de livros, que eram lidos e relidos. O aumento da circulação de títulos no país era uma revolução apenas anunciada, especialmente com a entrada dos *folhetins* (Prado, 1999, p. 128).

Pensando em conquistar o público leitor feminino, o empresário mudou o foco de seu empreendimento. Do periódico eclético, destinado “a todos”, passou a investir em um jornal com seções mais restritas: contos, poesias, culinária, higiene e moda, voltado para um único público. Embora, conforme depoimento de estrangeiros, apenas a partir de 1857 tenha sido possível observar o perfil das mulheres leitoras, que nas palavras de Daniel Kidder: "Suas reservas literárias consistem principalmente em novelas de Balzac, Eugenio Sue, Dumas, pai e filho, George Sand, em intrigas de pacotilhas e folhetins dos jornais. Assim elas se preparam para esposas e mães" (Kidder e Fletcher, 1941, p. 181).

Se a partir de 1857 iniciou-se uma considerável rotina de leitura entre as mulheres brasileiras, podemos inferir que em 1863 esse número era maior, em decorrência do aparecimento de muitos periódicos voltados para mundo feminino, como o *Jornal das Famílias*, defendido pelo seu mais assíduo colaborador:

Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós.

Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nada tão necessários ao reino do bom tom (Assis, 1959, p. 264).

Percebemos, por esta citação, a imagem que Machado tinha das mulheres e do conteúdo que deveria ser publicado nos periódicos destinados a elas, “mil nada”, mas que são imprescindíveis no “reino do bom tom”. Na mesma crônica, o autor voltava a elogiar Garnier: "O *Jornal das Famílias* é uma das primeiras publicações desse gênero que temos tido; o círculo de seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier" (Assis, 1959, p. 264).

Nas representações¹² de Machado de Assis sobre a mulher de sua época estava implícito o pensamento da maior parte de seus contemporâneos – homens e mulheres. O que se confirma na leitura dos jornais editados por mulheres do século XIX. O *Jornal das Senhoras*, fundado pela argentina Joana Paula de Noronha, , constituiu, enquanto sua fundadora permaneceu nele, uma exceção. Em 4 de julho de 1852, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assumiu a redação e passou a permitir que vários homens publicassem em diferentes seções, mudando a proposta inicial de Noronha, a de ser um espaço exclusivamente destinado à publicação de artigos escritos por mulheres:

Acolhei-vos a ele, todas as que possuis uma faísca de inteligência, vinde, confidante discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anônimo: porém, não temaes confir-mo-las, nem temaes dar expanção ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar (*Jornal das Senhoras*, janeiro de 1852).

Nos demais periódicos fundados ou dirigidos por elas, não encontramos nenhum avanço em relação aos temas que o jornal de Garnier dedicou ao sexo feminino. Todos, com rara exceção, ficaram na trilogia moda, narrativa, poesia. Os que escaparam dessa tendência, como o jornal *República das Moças*, não passou de dois números. Pela epígrafe do periódico, compreendemos a razão de sua curta duração:

Já aos homens falta valor para derribarem essa carunchosa monarchia, sejamos nós as defensoras dos direitos do povo, e tomem elles a direção dos negócios domésticos. Viva a República! Viva o bello sexo! (*República das Moças*, 1879).

Baptiste Louis Garnier, consciente da necessidade desse novo público leitor, não entrou no mérito da “emancipação da mulher”¹³, pelo contrário, divertiu suas assinantes, sem aborrecer aos pais, irmãos e maridos, os fiscais das leitoras do *Jornal das Famílias* e que pagavam a assinatura. Talvez, por isso, seu jornal tenha durado tanto tempo. O aguçado tino comercial do livreiro editor fazia com que ele só editasse o que tivesse lucro certo. "Garnier não tolerava empreza que não fosse satisfactoriamente remuneradora, do contrário ainda hoje existia a Revista Popular, que, ainda mesmo com algum déficit, era um bom annuncio para sua casa e as suas edições" (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

¹² Sobre representações ver: CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Lisboa-Portugal: Difel, 1990.

¹³ Título de vários artigos publicados em diferentes periódicos editados por mulheres. A maior reivindicação do texto era o direito da mulher à educação, para que assim ela pudesse ser melhor mãe, melhor esposa e melhor filha.

Hallewel observa que, em 1891, dois anos antes da morte de Garnier, a livraria foi posta à venda. O editor chegou a receber uma oferta equivalente a três milhões de francos, mas não aceitou a proposta por considerar insignificante a quantia oferecida. Preferiu, então, deixar a editora para o seu irmão, Hippolyte Garnier (1985, p. 149). Entretanto, o artigo que encontramos no *Jornal do Commercio* dá uma versão ao fato. O texto ressalta que a transação não foi realizada porque os compradores queriam pagar com ações de uma companhia que pretendiam iniciar. Frente a este fato, o editor suspendeu o negócio por não querer confiar seu patrimônio a uma empresa que ainda estava no projeto:

Há alguns annos que Garnier sentia-se cansado e a enfermidade que acabou por victima-lo, motivarão a resolução que teve mais de uma vez de vender a casa: chegando em 1891 a entrar em ajuste e quase fechar, como se diz em *gyria commercial*, pelo negocio pedia elle 2.500.000\$ pela livraria, edições, (?)¹⁴, depósitos e prédios occupados pelos livros e papel em branco, recebendo mil e quinhentos contos em dinheiro e mil em títulos; forão estes os objectos da duvida, os compradores offercião-lhe esses títulos em acções da Companhia que iaõ organizar para aquisição da empresa, o vendedor só aceitava (?)¹⁵ como títulos preferenciais, de 1003 cada um, ao typo de 80, e que tanto valia: 1200:000\$ como a transação deixou por isso de effectuar-se (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

O fato é que seu tino empresarial e sua dedicação ao trabalho renderam-lhe uma ótima situação financeira. Como observou Luís Edmundo, Garnier deixou sete mil contos de réis, que, para a época, significava uma grande fortuna. Em testamento, deixou a maioria de seus bens para o irmão, rico livreiro em Paris, à esposa apenas 80 contos de réis¹⁶ (Lajolo & Zilberman, 1999, p. 80). Talvez seja por essa razão que Hallewell tenha feito um parênteses ao descrever o féretro do editor. De acordo com o autor, o cortejo foi acompanhado por Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro, pelo jornalista Alexandre J. de Melo Moraes Filho, por Machado de Assis, por sua viúva e por seus empregados, os dois últimos, nas palavras de Hallewell, “dificilmente poderiam evitar essa obrigação” (Hallewell, 1985, p. 135).

Após sua morte, seu herdeiro Hippolyte decidiu reconstruir a livraria, para competir com a editora Laemmert. No lugar do casebre simples, utilizado por seu irmão, ergueu um

¹⁴ Não conseguimos identificar a palavra devido uma mancha no microfilme.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Na época, dava para comprar uma Fazenda em Vargem Alegre, conforme o anuncio a seguir: “*Fazenda Santo Antonio de Carangola* em Vargem Alegre - com casa vivenda nova, alguma mobília, casas para colonos, tulha, paiol e dependências para cereais, mais 23mil pés de café com 12 anos (produzindo) e 35mil pés de café de 6 a 3 anos (começando a produzir). 78:000\$ à vista” (*Gazeta de Notícias*, 03.07.1893).

prédio de três andares. Porém, apesar da grandeza física da livraria, Hippolyte já estava com 85 anos e seu gerente, Lansac, mal conhecia o Brasil; por isso, o trabalho reduziu-se a reeditar livros de autores Brasileiros que seu irmão havia consagrado, o que lhe rendeu a seguinte crítica de Lima Barreto: “o seu critério editorial era o pistolão, editando diplomatas” (*Apud* Hallewell, 1985, p. 186).

O desejo de competir com o editor Laemmert não foi exclusivo de Hippolyte Garnier. Batptiste Louis também empenhou esforços para editar e vender mais livros do que o concorrente, fazendo jus ao título que Machado lhe dera de “liberal”: “Perdure a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua” (Assis, 1938, p. 406). Os mais de cinqüenta anos no país fizeram dele um empresário de peso, alguém que parecia conhecer o tipo de obra e o preço que agradava a cada público leitor:

Quanto aos preços que estabelecia para as suas edições, era sempre permanente: qualquer que fosse a aceitação do livro, não o alterava nunca, nem mesmo com a baixa do cambio para os impressos na Europa.

Conversando com elle uma vez a respeito de um livro que acabava de publicar, e que se lastimava da pouca aceitação que tivera, perguntamos-lhe porque não havia taxado por preço mais módico.

- É um engano seu, atalhou-nos, há livros qualquer que seja o preço que, sendo bem aceitos, não podem ter mais de 300 a 400 compradores e outros até menos, dos popularessim, pode-se vender no primeiro anno 600 a 800: conheço bem o mercado do Brazil (*Jornal do Commercio*, 7 de outubro de 1893).

Batptiste Louis Garnier foi um homem pragmático. Veio para o Brasil, criou seu mercado empresarial e fez fortuna, como muitos outros estrangeiros. Contudo, não podemos lembrar de sua personalidade apenas como um "judeu trabalhador e honrado, que tinha todos os defeitos e todas as virtudes de sua raça". Ele foi, sem sombra de dúvidas, um grande empresário e um importante divulgador de nossa literatura. Mas, infelizmente, depois de ter editado e consagrado nomes; de ter pago corretamente pelos direitos autorais; de ter traduzido nomes consagrados até hoje, como Julio Verne; de ter incentivado a ilustração nas obras impressas no Brasil e de ter introduzido um novo formato dos livros, o editor ainda é uma personalidade a ser descoberta.

Referências bibliográficas:

Periódicos consultados:

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1859-1862.
JORNAL DAS FAMÍLIAS. Paris: Garnier, 1863 – 1878.
O SEXO FEMININO. Rio de Janeiro: Proprietária e Redatora D. Francisco Senhorinha da Motta Diniz, 1873-1875.
JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro (fundado em 1827)
O ALBUM. Rio de Janeiro (1892-1893)
JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro (1852-1855)
GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro (1879-1911)
O PAIZ: Rio de Janeiro
O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo (fundado em 1875 com o nome *A Província de São Paulo*)
MARMOTA. Rio de Janeiro (1849-1861)
O BEIJA-FLOR. Rio de Janeiro (1830-1831)

Obras consultadas:

ASSIS, Machado de. *Crônicas* (1864-1867). 2. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores, 1938.
 AZEVEDO, Sílvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. São Paulo, 1990 (tese de doutorado - USP).
 HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
 MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo, *Vida e obra de Machado de Assis: aprendizado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
 MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
 MASSA, Jean – Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
 MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
 MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.
 PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre*. São Paulo: Edunesp, 1999.
 PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999 (Ensaio latino-americanos; 4).
 ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.